

PT

**ALBRECHT DÜRER**  
 “AUTORRETRATO”  
 18 MAIO – 18 SETEMBRO 2016

EN

**ALBRECHT DÜRER**  
 “SELF-PORTRAIT”  
 18TH MAY – 18TH SEPTEMBER 2016



Albrecht Dürer  
 (Nuremberga, 1471 - 1528)  
***Autorretrato***  
 1498  
 Óleo sobre madeira  
 52 × 41 cm  
 Madrid, Museo Nacional  
 del Prado, P02179

Albrecht Dürer  
 (Nuremberg, 1471 - 1528)  
***Self-portrait***  
 1498  
 Oil on panel  
 52 × 41 cm  
 Madrid, Museo Nacional  
 del Prado, P02179

**NASCIDO EM NUREMBERGA**, em 1471, filho de um ourives de origem húngara, Albrecht Dürer foi o primeiro artista conhecido a deixar um importante conjunto de autorretratos, desde o da sua meninice, aos 13 anos, debuxado a ponta de prata, e em que revela já a sua habilidade de desenhador (Albertina de Viena), aos conhecidos retratos a óleo do Musée du Louvre, de 1493, e da Alte Pinakothek de Munique, datado do ano de 1500. Com os seus apontamentos autobiográficos escritos ao longo da vida, estas obras oferecem, uns e outros, uma das mais completas e consistentes imagens de um artista do Renascimento europeu.

Nesta obra do Museo del Prado, o mais famoso dos seus autorretratos, Dürer representou-se também jovem – de acordo com a legenda autógrafa assinada e com o seu monograma: «1498 Pintado segundo a minha figura aos vinte e seis anos de idade, Albrecht Dürer AD» –, em pose elegante a três quartos, ligeiramente apoiado no parapeito de uma janela aberta sobre um vale, recortado no sopé de uma cordilheira de cumes nevados. O requinte do traçar, que um atento registo gráfico reforça, satura o quadro com os signos evidentes de uma posição social qualificada, de que nos falam as texturas dos tecidos e a riqueza dos acessórios: as luvas, a coifa listada sobre os cabelos loiros e ondulados do pintor, o atilho encordoado que lhe cinge o busto.

**BORN IN NUREMBERG**, in 1471, the son of a goldsmith of Hungarian origin, Albrecht Dürer was the first major artist to leave behind an important set of self-portraits, ranging from the portrait of his childhood, at the age of 13, sketched in silverpoint, in which he already reveals his great drawing skills (Albertina Museum, Vienna), to the famous oil portraits at the Musée du Louvre, painted in 1493, and at the Alte Pinakothek in Munich, dating from 1500. Together with the lengthy autobiographical notes written throughout his lifetime, these works provide us with one of the most complete and consistent images of an artist from the time of the European Renaissance.

In this work from the Museo del Prado, which is perhaps the most famous of all his self-portraits, Dürer depicted himself also as a young man - according to the signed autograph legend and with his monogram: “1498 Painted according to my figure at twenty-six years old, Albrecht Dürer AD”- in an elegant three-quarter pose, leaning gently against the lower ledge of a window overlooking a valley backed by the outline of the foothills of a snow-capped mountain range. The sophistication of his costume, reinforced by the use of a careful graphic register, saturates the painting with the clear signs of a distinguished social position, expressed by the textures of the fabrics and the richness of his accessories: the gloves, the striped cap placed on the painter’s curly

Albrecht Dürer acabara de cumprir então a sua formação básica. Com o pai, aprendera a desenhar e a usar o buril; com o seu mestre, Michael Wolgemut, tinha-se estreado na pintura sobre madeira. Em 1490, iniciou um périplo de aprendizagem (a designada *Wanderfahrt*) de quatro anos pela Alemanha, um hábito tardo-medieval comum entre os artesãos alemães com o objetivo de proporcionar aos jovens aprendizes o desenvolvimento das suas aptidões profissionais. Em Colmar, em 1492, Dürer pôde estudar a obra do pintor e gravador Martin Schongauer, morto apenas um ano antes, mas os contactos com outros artistas, em Freiburg, Breisach, Basileia ou Konstanz, entre outras cidades, permitiram uma imensa variedade de experiências, sobretudo na área da xilogravura, em que trabalhou com afinco. Não por acaso, foi em Estrasburgo, em 1493, que pintou o seu primeiro autorretrato a óleo. As viagens a Itália – a primeira entre 1494 e 1495, a segunda entre 1507 e 1508 – e aos Países Baixos, em 1520-1521, haveriam, posteriormente, de apurar o seu cosmopolitismo e a sua abertura a novas formas de expressão.

Realizado após a sua primeira viagem a Itália, na mesma altura, aliás, em que começara a assimilar os preceitos estéticos da arte italiana através da cópia de gravuras de Antonio Pollaiuolo e de Andrea Mantegna, este autorretrato supera a mera dimensão psicológica de uma confiante consciência de si, constituindo-se, sobretudo, como um poderoso depoimento sobre o modo como o pintor entendia o seu papel no âmbito da cultura humanista. De facto, Dürer – que foi também arquiteto e engenheiro, teórico e matemático, gravador, polígrafo –, embora não dominasse as línguas clássicas, integrou-se precocemente nos círculos humanistas de Nuremberga, onde pontificavam as influentes personalidades de Conrad Celtis, Willibald Pirckheimer ou Joachim Camerarius, este último um devotado biógrafo e tradutor das suas obras do vernáculo para latim. Com Erasmo de Roterdão, que recomendava o estudo da obra teórica de Dürer, ou com o teólogo Philipp Melancthon, o pintor participou ainda, ativamente, no movimento crítico da nova filologia e exegese bíblicas. Foi assim, neste ambiente, que reunia as elites cultas da cidade, que se cristalizou um novo entendimento do estatuto social do artista. Nesta obra, o artista já não é o artífice de tradição medieval e corporativa mas o criador liberal, com o seu saber eclético, o domínio da geometria, da perspetiva e da álgebra, a sua curiosidade intelectual e as responsabilidades cívicas e religiosas decorrentes destes tempos fervilhantes de início da Reforma.

blond hair, and the stringed band that encircles his bust.

Albrecht Dürer had just completed his basic training at that time. With his father, he had learned how to draw and how to use the engraver's burin; with his master, Michael Wolgemut, he had been initiated into the art of painting on wood. In 1490, he began his four-year journey of apprenticeship (the so-called *Wanderfahrt*) across Germany, a late medieval habit that was common practice among German craftsmen, designed to provide young apprentices with the chance to develop their professional skills. In Colmar, in 1492, Dürer was able to study the work of the painter and engraver Martin Schongauer, who had died just one year earlier, but it was his contacts with other artists, in Freiburg, Breisach, Basel and Konstanz, among other cities, that furnished him with an immense variety of experiences, especially in the field of woodcuts, on which he worked with great enthusiasm. It was not by chance that, in 1493, in Strasbourg, he painted his first self-portrait in oils. His trips to Italy, the first in 1494-1495 and the second in 1507-1508, and a final trip to the Netherlands in 1520-1521, would subsequently enhance both his cosmopolitanism and his openness to new forms of expression.

Painted after his first trip to Italy, in fact precisely at the time when he was beginning to assimilate the aesthetic precepts of Italian art through his copying of the engravings of Antonio Pollaiuolo and Andrea Mantegna, this self-portrait goes beyond the mere psychological dimension of a confident self-awareness, constituting, above all, a powerful statement about the way in which the painter understood his role in the world of humanist culture. In fact, Dürer, who was also an architect and an engineer, a theoretician and a mathematician, an engraver and a polygraph – although he did not master the classical languages – had integrated himself from a very early age into the humanist circles of Nuremberg, composed of such influential personalities as Conrad Celtis, Willibald Pirckheimer and Joachim Camerarius, the latter being a devoted biographer and translator of his works from the vernacular into Latin. Together with Erasmus of Rotterdam, who recommended the study of Dürer's theoretical work, and the theologian Philipp Melancthon, the painter also played an active part in the critical movement of the new Biblical philology and exegesis. It was, therefore, in this environment, which brought together the city's cultured elites, that a new understanding of the social status of the artist undoubtedly became crystallised, something that can clearly be detected in this work. Here the artist is no longer the craftsman of the medieval corporative tradition of the guilds, but he is now a liberal creator, endowed with his own eclectic knowledge and his mastery of geometry, perspective and algebra, his intellectual curiosity and the civic and religious responsibilities arising from these lively and exciting times of the beginning of the Reformation.